



5. O Beijo em Times Square, 1945: o Olho da História

Maria Socorro Soares dos Santos¹

O presente trabalho analisa a imagem e representações simbólicas da fotografia intitulada “O Beijo”, realizado pelo fotógrafo Victor Jorgesen, em 14 de agosto de 1945 em New York. Pergunta-se como esse fragmento visual de um acontecimento logra evidenciar a competência testemunhal da fotografia, corroborando o enunciado de “olho da história”. E deseja-se pensar porque essa imagem pode fazer recordar o que não foi vivido pela maioria, configurando-se como um documento e como um dispositivo da memória. Olhar a história por meio da imagem de um beijo, tradução de uma comunhão, íntima, porém pública, e ousada.

Palavras-chaves: fotografia; memória; olho da história.

El presente trabajo analiza la imagen y representaciones simbólicas de la fotografía titulada “El Beso”, realizado por el fotógrafo Victor Jorgesen, el 14 de agosto de 1945 en Nova York. Se cuestiona como el fragmento visual de un acontecimiento logra evidenciar la competencia testimonial de la fotografía confirmando la proposición del “Ojo da historia” Se desea pensar porque esa imagen puede hacer recordar lo que no fue vivido por la mayoría, configurándose como un documento y como un dispositivo de la memoria. Mirar la historia por medio de la imagen de un beso, traducción de una comunión, íntima, sin embargo, pública y osada.

Palabra claves: fotografía; memoria; Ojo de la historia.

Este artigo é fruto de um trabalho de análise das representações simbólicas de fotografias memoráveis e de grande circulação mundial na disciplina “Fotografia e Memória” no mestrado em Memória social e Patrimônio Cultural/UFPel. Durante esse curso foram desenvolvidas várias atividades de análise e estudos de imagens consideradas memoráveis, fomentadas pelas discussões em sala de aula e fundamentadas pelas leituras pertinentes aos assuntos de memória e fotografia. Assim, nessa oportunidade faz-se uma análise da imagem e representações simbólicas da fotografia intitulada “O Beijo”, realizado pelo fotógrafo Victor Jorgesen, em 14 de agosto de 1945 em New York. A grande circulação desse registro fotográfico deve-se principalmente a difusão mundial do uso da internet, assim, foi feita consultas em sites e blogs com o objetivo de ampliar e diversificar as informações sobre a referida imagem.

Constantemente recebemos informações através dos nossos sentidos. Algumas memorizamos outras não, ou seja, tais informações passam por um processo de seleção antes da formação da nossa memória. Elas não são gravadas de forma definitiva, e são mais sensíveis a alterações e acréscimos logo após o momento de aquisição. Essa aquisição de memória dá-se pelo aprendizado por meio das experiências. As informações memorizadas não se constituem em registro isolado.



A conceituação de memória está sendo discutida amplamente pelas Ciências, como: a Neurociência, a Psicologia, a História, a Sociologia, a Filosofia e entre outras. Em termos gerais, a noção de memória remete tanto aos mecanismos de acumulação, conservação, atualização e reconhecimento de uma lembrança, quanto aos processos de compartilhamento sociais^{II}.

Na Grécia Antiga a personificação da Memória era a Mnemósine, a qual tinha o dom de presidir a função poética das Musas. A atividade do poeta era dirigida para o passado que gerou consequências no presente. My'thos, designação do ato da fala, revela, re-atualiza aquilo que se passou na origem dos tempos. Para Rosário (2002), recordar no contexto mítico significa resgatar um momento originário e torná-lo eterno. Assim como, o papel da memória é fazer reaparecer as coisas que depois desaparecem. A memória nos faz lembrar quem somos e o que nos faz querer ir a algum lugar.

Tudo que se vive está em você, mesmo que não se tenha acesso, o passado permanece no plano do inconsciente. Ou seja, a memória sobrevive como um todo, segundo Bergson (s/d). Todas as experiências ficam registradas na memória pura, sem influência do presente, pois ela é virtual e ilimitada. Assim, o passado sempre está presente. E o presente, comprimido entre o passado e o futuro, consiste na consciência do corpo. “Meu presente é, por essência, sensorio-motor”^{III}. A memória opera para que haja o reconhecimento nas imagens-lembranças.

Esse estatuto espiritual da percepção dado por Bergson (s/d), é relativizado pela teoria psicossocial de Halbwachs. Enquanto o primeiro considerava que a conservação espiritual do passado não sofria interferência do fenômeno social, o segundo, sociólogo, diz que o social altera a percepção, a consciência e a memória, o social prevalece sobre o individual. Para esse, a pessoa não se lembra sozinha e cada consciência teria o poder de se colocar como um ponto de vista do coletivo. Assim, torna-se necessária a lembrança dos outros para confirmar e legitimar suas próprias memórias. Tal relação entre memória individual e memória coletiva, proposta por Halbwachs vem despertando outras abordagens e considerações.

Para Joel Candau esta concepção de memória coletiva é abstrata, pois as mesmas representações de um grupo não são divididas perfeitamente por todos os seus participantes, mesmo que estes tenham vivenciado a mesma experiência. A memória coletiva supõe de um compartilhamento, mas não quer dizer que todos compartilham de igual forma^{IV}. Cada indivíduo recupera o passado de maneira pessoal.

A todos os sujeitos ou à coletividade é atribuída a capacidade de fazer memória. Paul Ricoeur utiliza-se da fenomenologia da memória que se inscreve na participação de sujeitos capazes de designar a si mesmos como sendo autores dos seus próprios atos. O autor não aborda a memória individual e coletiva como fenômenos dicotômicos, ele procura uma área intercessora de referência, na qual operam as trocas entre elas^V. Porém, isso não resolve essa problemática da memória. A memória coletiva se vincula com a ideia de uma função social da memória e que são evocadas por meio de instâncias sociais, como: festas, museus, mídia, fotografia, etc.

A partir dessa discussão sobre memória, buscaremos analisar a imagem e suas representações simbólicas da fotografia intitulada “O Beijo” realizado pelo fotógrafo Victor Jorgesem, em 14

de agosto de 1945 em New York. Pergunta-se como esse fragmento visual de um acontecimento logra evidenciar a competência testemunhal da fotografia, corroborando o enunciado de “olho da história”. Deseja-se pensar por que essa imagem pode fazer recordar o que não foi vivido pela maioria, configurando-se como documento e como um dispositivo da memória.

A fotografia: um testemunho

Era fim de tarde do dia 14 de agosto na avenida Times Square, parte da população comemorava fervorosamente a alegria do retorno dos soldados para casa e o fim de uma guerra. Naquela ocasião ocorria a rendição do Japão no final da Segunda Guerra Mundial. Em meio a esse fervor, o fotógrafo Victor Jorgesen registrava um beijo de um marinheiro e uma enfermeira. (Fig.1)

Esse registro fotográfico circulou o mundo em diversos suportes. Dessa forma, essa fotografia permite olhar ou recordar um momento da história não somente dos Estados Unidos, mas também do mundo, guardadas as devidas especificidades. Considerado um dispositivo da memória, esse fragmento visual evoca a lembrança até mesmo de quem não vivenciou esse momento histórico, o fim da Segunda Guerra Mundial.

O soldado Glenn Edward McDuffie estava na Times Square, junto a centenas de pessoas que comemoravam o fim da guerra e no mesmo lugar, vivendo o mesmo tipo de emoção estava a enfermeira Edith Shain. Os dois não se conheciam, mas foram unidos pela espontaneidade gerada por aquele instante de felicidade, e se beijaram. A cena foi registrada por dois fotógrafos, Victor Jorgesen (Figura 1 acima: Foto de Victor Jorgesen, 1945) e Alfred Eisenstaedt (Figura 2 abaixo da figura 1: Foto de Alfred Eisenstaedt, 1945) da revista Life. Vista por dois ângulos, essa imagem entrou para o elenco das fotografias memoráveis e mais circuladas do mundo como símbolo do fim de anos difíceis, sofridos e de grandes perdas causados pela Segunda Guerra Mundial. McDuffie lutou por muitos anos até ser reconhecido oficialmente como o soldado da foto, a própria enfermeira não sabia ao certo quem era o soldado que a beijara naquele dia. O ato de beijar apenas compartilhava a alegria de estar presenciando um recomeço, a chegada de um novo tempo.

Sabe-se que a imagem não explica tudo, pois representa um fragmento do acontecido, um indício de uma realidade já ausente, porque finda. Na década de 40, não era comum beijar em público e sair para as ruas com uniforme de trabalho. Dessa forma, torna-se perceptível que aquele dia foi excepcional, dia de comemoração. As vestimentas das pessoas e o espaço urbano fotografados evidenciam uma época, meados do século XX, e um lugar, avenida Times Square, passível de reconhecimento para quem conheceu ou conhece uma das avenidas mais famosas de Nova York.

É importante ressaltar que a grande circulação do registro fotográfico dessa cena na internet, principalmente em ‘blogs’, faz uma confusão no momento de colocar a autoria da fotografia, usam a imagem de um fotógrafo com o nome do outro. Isso foi perceptível, no momento da pesquisa nesses canais de comunicação. A diferença entre as duas fotografias deve-se a escolha do ângulo que cada um captou no momento do clique. Porém, visivelmente



diferentes, ambas tornaram-se conhecidas. Também encontramos nesses ‘blogs’ diversas releituras da imagem, como exemplos: a foto colorizada e em versão pop arte.

Apresentada como um sistema de sentidos e signos, a imagem fotográfica expressa sua intertextualidade ao ser inserida em todas as áreas da vida social e cultural. Sendo que, a forma como interpretamos uma fotografia é resultado das experiências de cada um, pois é o olhar que dá significados aos símbolos. Além dessa questão simbólica, há outras questões que cercam a fotografia: a questão técnica e a questão política, todas abordadas por Séren (2003) em seu livro ‘Metáforas do Sentir Fotográfico’. Segundo a autora, estas são interligadas, pois ao alterar a natureza técnica da imagem alteram-se os efeitos políticos e simbólicos.

Diante dos desafios da experiência contemporânea, o fotógrafo ampliou o âmbito de sua prática com o progressivo deslocamento da imagem de ancoragem geográfica ou topográfica para a virtualização. Assim como as potencialidades da tendência de abstração e flexibilização dos signos em diferentes domínios da experiência. Como diz Fatorelli, ‘a lógica do dispositivo fotográfico fundamenta-se nas características temporais e espaciais que marcam a experiência moderna’^{VI}. A partir daí, vigoram novos regimes de comunicação, de produção e de subjetividade, através das estratégias contemporâneas de apropriação, de encenação e de intervenção da imagem. Um dos fatores que propiciou a grande circulação da imagem “O Beijo na Times Square” pelo mundo deve-se aos novos meios de comunicação social disponíveis do meados do século XX para o tempo presente.

A incorporação dos modelos de visualização virtual, informáticos ou cibernéticos, promoveu a mudança do suporte fotossensível para os dispositivos digitais. A imagem fotográfica fotossensível proporciona um manuseio que permite o toque no papel, que a transforma em signo próprio: guardá-la em um livro ou carteira, vê-la quando menos se espera, são práticas habituais que este suporte oferece. Como aponta Séren, a evolução do contexto sociocultural afeta o processo evolutivo do uso da fotografia, nos efeitos psicológicos, sociais e políticos, pois os significados da fotografia mudam sempre que o contexto muda^{VII}.

Embora, seja fato toda essa evolução no contexto sociocultural que provocou mudanças nos usos e significados da fotografia. Mesmo assim, para Didi-Huberman, as imagens se impõem como uma representação por excelência, uma representação necessária do acontecido. Nenhuma imagem consegue dar a dimensão do que realmente ocorreu, já que tudo o que conseguimos ver em uma fotografia é muito pouco frente a tudo o que sabemos sobre o acontecimento. Segundo o autor a imagem fotográfica produziu uma inflexão histórica no ato de ver, pois a fotografia mostra mais do que o olho pode ver, além de ser prova do visto. Assim, a imagem é o olho da história por sua vocação de fazer visível^{VIII}. E é dessa forma que a fotografia em questão perdura e circula até os dias atuais, pela capacidade de tornar visível uma realidade ausente, o final da Segunda Guerra Mundial para os norte-americanos. Apesar da grande parte das pessoas não terem vivenciado o fato, essa fotografia é imprescindível à imaginação, para fazer lembrar.

Nesse sentido, temos o exemplo dos fotogramas do Holocausto que nos conduzem em um processo de memória, de interpretação histórica, mais amplos do que esses fragmentos visuais nos podem contar. Pois, é necessário ressaltar que são os únicos testemunhos disponíveis, e por mais que os historiadores admitam algum problema pela completude das imagens, elas

são apenas fragmentos arracandados, testemunhos subjetivos por natureza e que estão condenados à inexatidão. Pede-se toda a verdade à imagem, mas o que se vê é muito pouco; ou se pede muito pouco, tendo-a como simulacro. Em qualquer desses casos o historiador terá a sensação de que as imagens não explicarão o que ocorreu^{IX}.

No caso da fotografia em questão, temos uma imagem de um momento casual e um pouco precária enquanto registro (em que não se enxerga o rosto da moça, em que o enquadramento não é ideal, pois cortam as pernas do casal, a posição do soldado é desajeitada e o corpo da moça retorcido), mas que, evidencia a competência testemunhal da fotografia. Também é perceptível na imagem a reação das outras pessoas que aparecem na fotografia, pois a cena provavelmente as surpreendeu, como demonstra a mulher de vestido ao lado do casal (Fig. 01). Segundo Boris Kossoy, não se pode deixar de considerar:

as surpresas que advêm da paralisação fotográfica da ação, do gesto e que não podem ser previstas nem controladas precisamente; mas que podem, no entanto, ser exploradas criativamente, abrindo espaço para novas manipulações estéticas/ideológicas^X.

Dessa forma, devemos compreender o estatuto de acontecimento visual dessa imagem, sem esquecer a condição histórico-temporal em que foi feita. Assim, esta imagem é o “olho da história” por sua vocação de fazer visível, porque tanto quem fotografou como os que foram fotografados estavam lá, e estão no registro do ocorrido, para além daquele tempo, para distante daquele lugar.

Logo, a visualização da fotografia “O Beijo” pode nos fazer recordar de um episódio que a maioria das pessoas não vivenciou, mas nem por isso, a imagem e sua representação estão dissociadas em nós. Com a grande circulação e reprodutibilidade alcançada por este fragmento visual o seu sentido simbólico foi realçado, ao ponto de olharmos a fotografia e recordarmos do final da II Guerra para os Estados Unidos, ou ao menos, reconhecermos esse momento na imagem. O assunto que o autor registra, o beijo entre a enfermeira e o soldado; a tecnologia a qual viabiliza tecnicamente o registro; e o fotógrafo, motivado por razões, a princípio, de ordem profissional (ele foi contratado para a Aviação Naval fotográfica norte-americana em 1942), a idealiza e elabora através de um complexo processo cultural/estético/técnico que configura a expressão fotográfica. O espaço, a avenida Times Square, em Nova York, e o tempo, 14 de agosto de 1945, são as coordenadas de situação desta ação, o que subtendem um contexto histórico específico, ou seja, a fotografia é um micro-aspecto desse contexto.

Todo o processo de criação do fotógrafo torna a imagem fotográfica em um documento. Pois, nela encontram-se incorporados os componentes de ordem material, os recursos técnicos utilizados (tecnologia – câmera fotográfica analógica, filme, negativo, processamento físico-químico) indispensáveis para a materialização da fotografia e, os de ordem imaterial (os filtros ideológicos e culturais do fotógrafo, experiência profissional). Ao longo do complexo processo de criação os componentes mentais e culturais se sobrepõem nas ações do fotógrafo. Pois, além do processo de criação, a construção do fotógrafo resulta na imagem fotográfica que representa a partir do real e passa também a ser um documento do real.

Portanto, a trajetória histórico-temporal da referida imagem fotográfica apresenta um papel fundamental em assegurar o sentimento de continuidade social, como também o senso



histórico e quiçá, o senso de identidade norte-americana. Exercendo assim a função de um dispositivo de memória, um dispositivo para evitar o esquecimento. Além disso, a imagem demonstra o nosso desejo de memória, o desejo de que aquele momento não seja esquecido.

A memória operacionaliza o reconhecimento das imagens. E a fotografia como um fragmento, uma percepção de uma realidade, torna-se um suporte da memória. “A memória, fragmento então, se faz visível com a fotografia, esse recorte, enquadramento”^{XI}. É só a memória, com a ajuda de suportes, que consegue contar uma história, um passado. O reconhecimento pressupõe memória. Para reconhecer é necessário ter conhecido antes. Dessa forma, a fotografia se torna um instrumento valioso da memória. E, por isso, deve ser questionada para obter todas as informações que ela possa disponibilizar. Pois, os vestígios enigmáticos que a fotografia comporta deve desafiar o investigador.

Uma simples imagem: inadequada porém necessária, inexata porém verdadeira. Verdadeira por uma verdade paradoxal, supostamente. Eu diria que a imagem é aqui o olho da história por sua forte vocação de tornar visível. Mas também que está no olho da história: em uma zona muito local, em um momento de suspense visual, como se diz do olho de um furacão [...] ^{XII}.

Uma imagem de um beijo que nos propicia olhar a história. Esta fotografia fornece informações sobre um determinado momento da história mundial, mas não esqueçamos que esta é apenas um fragmento dessa realidade. Ou seja, não podemos considerar que todas as pessoas que estavam vivenciando aquele momento do final de uma Guerra Mundial compartilhavam do mesmo sentimento dos norte-americanos representado pela fotografia.

Por fim, mais que uma festa, o fim da Guerra recebeu, nesta foto, uma tradução mais íntima (ainda que o beijo tenha sido público), e ousada (incomum beijar-se, em 1945, na rua). Em toda euforia que se produziu naquele momento, traduz também a comunhão: o beijo como comunhão, ainda mais se tratando de dois estranhos que não voltariam a se encontrar.

Notas:

^I Licenciada em História/UFS. Especialista em História Cultural/UFS. Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural/ICH//UFPEl/Bolsista Capes. Membro do Grupo de Pesquisa Culturas, Identidades e Religiosidades/UFS. E-mail: helpclio@hotmail.com

^{II} FERREIRA, Maria Leticia M. Políticas da Memória, Políticas de Esquecimento. Revista Aurora, 10, 2011. Disponível em < www.pucsp.br/revistaaurora >, em 10/06/2011, 102.

^{III} BERGSON, Henri. Matéria e Memória. São Paulo: Martins Fontes, s/d. p. 114.

^{IV} CANDAU, Joel. Memória e Identidad. Buenos Aires: Del Sol, 2001, p. 28.

^V RICOEUR, Paul. Memória, História e Esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

^{VI} FATORELLI, Antonio. Fotografia e Viagem: entre a natureza e o artifício. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2003, p. 43.



^{VII} SEREN, Maria do Carmo. *Metáforas do Sentir Fotográfico*. 2003, p.19-52.

^{VIII} DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imágenes pese a todo: Memoria visual do Holocausto*. Barcelona: Paidós. 2004. p. 55-79.

^{IX} Idem.

^X KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999, p. 34.

^{XI} DOMENECH, Ernesto E. *Crimen y Fotografía*. Buenos Aires: La Azotea Editorial Fotográfica, 2003, p. 38 (Tradução minha).

^{XII} DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imágenes pese a todo: Memoria visual do Holocausto*. Barcelona: Paidós. 2004. p. 67 (tradução minha).

Referências Bibliográficas:

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, s/d. p. 109-146.

CANDAU, Joel. **Antropologia de la memória**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidad**. Buenos Aires: Del Sol, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Leyendas de La fotografia**. IN:- *La invención de La Histeria: Charcot y la iconografía fotográfica de la Salpêtrière*. Madrid: Ensayos Arte Cátedra, 2007. p 45-91.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imágenes pese a todo: Memoria visual do Holocausto**. Barcelona: Paidós. 2004. p. 55-79.

DOMENECH, Ernesto E. *Crimen y Fotografía*. **Buenos Aires: La Azotea Editorial Fotográfica**, 2003.

FATORELLI, Antonio. **Fotografia e Viagem: entre a natureza e o artifício**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2003. P.5-68.

FERREIRA, Maria Letícia M. **Políticas da Memória, Políticas de Esquecimento**. Revista Aurora, 10, 2011. Disponível em < www.pucsp.br/revistaaurora>, em 10/06/2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro, Vértice, 1990.

IZQUIERDO, Ivan. **Memórias. Estudos Avançados**. Vol. 3. Nº 6. São Paulo. May/Aug. 1989 – ISSN 0103-4014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141989000200006&script=sci_arttext ?, em 12/06/2011.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.



RICOEUR, Paul. **Memória, História e Esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira do. **O Lugar Mítico da Memória. Morpheus- Revista Eletrônica em Ciências Humanas** - Ano 01, número 01, 2002 - ISSN 1676-2924. Disponível em: <http://www.unirio.br/morpheusonline/numero01-2000/claudiarosario.htm>, em 10/02/2011.

SEREN, Maria do Carmo. **Metáforas do Sentir Fotográfico**. 2003. p.19-52

Endereços eletrônicos:

<http://dlacombefoto.wordpress.com/2010/04/12/o-beijo-na-time-square/> acessado em 19/03/2011.

http://elaseleinsensatos.blogspot.com/2010/12/o-beijo-da-times-square_14.html acessado em 19/03/2011

<http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=16698> acessado em 19/03/2011.

http://guiadelojas.com/fotografia/historia_fotos_historicas.html acessado em 19/03/2011.

<http://www.acidezmental.xpg.com.br/fotografiasquemudaramomundo.html> acessado em 20/03/2011.

<http://www.redetv.com.br/entretenimento/galerias.aspx?1,117,1984,dia-da-fotografia-veja-algumas-das-grandes-fotos-do-seculo-xx> acessado em 20/03/2011.

<http://pimentacomlimao.wordpress.com/2010/02/02/o-beijo-em-times-square/> acessado em 20/03/2011.